



# III SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA UEG

## ENTRE O SER OU NÃO SER: CULTURA CUIABANA OU CULTURA MATO-GROSSENSE?

*Maria das Graças Alves de Jesus*<sup>1</sup>

Universidade Federal do Mato Grosso

Rondonópolis, Mato Grosso, Brasil

[maria.gracinha.9@gmail.com](mailto:maria.gracinha.9@gmail.com)

*Antonio Ricardo Calori de Lion*<sup>2</sup>

Universidade Federal do Mato Grosso

Rondonópolis, Mato Grosso, Brasil

[antonio\\_calori@hotmail.com](mailto:antonio_calori@hotmail.com)

**Resumo:** Ao preparar uma aula sobre cultura de Mato Grosso as primeiras imagens que nos veio, foram das manifestações culturais de Cuiabá e suas adjacências. O Siriri, o Cururu, o Rasqueado e o Lambadão Cuiabano. Essas são as manifestações culturais de Cuiabá que tem maior destaque na mídia regional e nacional, e descrita pela historiografia como sendo a cultura mato-grossense. Ao levar esta discussão para sala de aula e expor a alunos do terceiro ano do ensino médio em duas escolas estadual, em Rondonópolis, a 210 km da capital Cuiabá. Alguns alunos não se sentiram representados por essas manifestações culturais da capital do Estado. Refletindo sobre isso, o que é cultura de Mato Grosso então? Uma das questões debatidas nessa pesquisa é como trabalhar em sala de aula essas manifestações culturais encontradas na região de Cuiabá e cercanias como sendo a cultura de Mato Grosso.

**Palavras-chave:** Siriri, Cururu, Identidade Mato-grossense, Cultura.

---

<sup>1</sup> Graduada em História/ UFMT – Campus Rondonópolis

<sup>2</sup> Graduando em História/UFMT- Campus Rondonópolis/FAPEMAT

## Introdução

Na edição de 30 de abril de 1944, o jornal *O Estado de Mato Grosso* traz a seguinte história contada por Ulisses Cuiabano:

### O Zé de Móis

Quem, na Cuiabá de quarenta anos não conhecera o Zé de Móis, afamado tocador de gaita, hábil sapateador de siriris, animador de festas, de convescotes, de funções?

Alto, magro, verdadeiro tipo estílo D. Quixote, o Zé era convidado, e com redobrada insistência para tomar parte em todas as funções e pagódes que se faziam na vetusta capital matogrossense.

Ora estava êle dirigindo um mutirum no Despraiado, e, dias após era o controlador de um batuque no areião. Tomava parte, salienta nos xinfrins da Várzea Ana Poupino e era figura destacada nos festejos de S. João, descia Blandina, na Prainha. Até nos cururus o Zé era bicho.

O que, entre tanto, tornava o Zé de Móis alvo de tamanha atenção por parte dos folgazões, era a sua inseparável gaita, instrumento que êle manejava com comparável maestria, que chegava às raias de algum ato de magia ou de encantamento.

-“Si duvidá ô Zé tem pacto cô o capeta”... teria pensado muito caboclo supersticioso.

Mas o Zé tinha um defeito, que aliás, na opinião do N. Grande, era uma rara e preciosa qualidade: -era doido por um rabo de saia. Não podia encontrar uma mulata desacompanhada e já o Zé trelia, derretendo-se em amabilidades, levando a cousa a sério. E foi por causa desse “vício” que êle, certa noite de S. Antonio, levou tremenda surra de esporas, aplicada por si mesmo! [...]<sup>3</sup>

Este trecho extraído de um editorial do jornal *O Estado de Mato Grosso* traz um personagem rememorado por Ulisses Cuiabano revelando aspectos de sua identidade, que ao nosso ver, reflete questões tão profundas quanto necessárias de serem discutidas a luz do discurso de construção da identidade cultural regional.

Ao preparar uma aula sobre cultura de Mato Grosso nos deparamos com a seguinte questão: qual é a cultura de Mato Grosso? As primeiras imagens que nos veio, foram das manifestações culturais de Cuiabá e suas adjacências: o Siriri dançado nos quintais das casas e nas festas dos santos; o Cururu cantado por homens dentro das casas ao som da Viola de Cocho e do Canzá, o Lambadão Cuiabano e o Rasqueado.

Em Mato Grosso existe diversas manifestações culturais: touradas, cavalhadas, dança do chorado, dança do congo (congada), dança dos mascarados, Boi-à-Serra,

<sup>3</sup> *O Estado de Mato Grosso*, 30 de abril de 1944. Acervo do Arquivo Públco de Mato Grosso (APMT), P 03-B, CX 009.

Festas Juninas (São João, São Pedro e Santo Antônio), Festas de São Gonçalo e São Benedito, mas a maior representação de Mato Grosso no cenário regional e nacional são o Siriri e o Cururu<sup>4</sup>.

Ao levar esta discussão para sala de aula e expor aos alunos do terceiro ano do ensino médio e da EJA em duas escolas estaduais, em Rondonópolis, a 210 km da capital Cuiabá, percebemos que eles não se sentiram representados por essas manifestações culturais tidas como típicas do Estado. Refletindo sobre isso, percebemos que havia um problema quanto a identidade regional. Este trabalho tem por objetivo discutir sobre a construção da identidade regional do Estado pelo âmbito cultural. Analisaremos materiais oficiais produzidos pelo Estado sobre siriri e o cururu e buscaremos discutir sobre o discurso da construção de identidade contida neles.

Temos então um contraponto: os alunos distantes da capital do Estado não se sentiram próximos dos elementos culturais discutidos em sala, já Zé do Móis que viveu na Cuiabá do início do século XX tanto demonstra como característica pessoal quanto era conhecido por estar inserido na cultura representada pelo Siriri e pelo Cururu. A partir disto, entraremos na discussão sobre identidade e cultura que nos revela uma construção de discurso pelo Estado sobre a identidade regional<sup>5</sup>.

### **A Formação Histórica Da Cultura Mato-Grossense**

Para Lenine Póvoas<sup>6</sup>, “a primeira fase da história da cultura mato-grossense pode ser considerada o “ciclo dos cronistas”, que vai desde a fundação de Cuiabá até o final do século XVIII” (PÓVOAS, 1982, p. 19), e que Cuiabá viveu sua fase mais brilhante de seu desenvolvimento cultural entre o término da Guerra do Paraguai e a

<sup>4</sup> Há uma considerável historiografia impressa sobre o tema, ambos se referindo às manifestações culturais de Cuiabá, como sendo a cultura de Mato Grosso. Dentre eles, citaremos neste trabalho a obra de PÓVOAS (1982) e LOUREIRO (2006).

<sup>5</sup> Para esta discussão temos como referencial a teoria de Bakhtin quanto ao discurso enquanto prática que se dá por conta de que a “linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam” (BAKHTIN, 2002, p. 181), ou seja, o discurso está ligado a linguagem em uso e não a um conceito de língua. A produção de enunciados está ligada a forma de comunicação social, onde os enunciados emitidos serão recebidos pelo receptor que terá por objetivo influenciar-lo, entendemos então o discurso enquanto prática social.

<sup>6</sup> Cf. CRUZ, 2012, p. 47: “Não trata de conceitos sobre o que é cultura, nem mesmo tenta explicar as origens e a formação da cultura de mato-grossense. Ele faz um histórico e uma classificação da cultura mato-grossense desde suas origens até a atualidade, mas ele registra apenas “os fatos mais importantes da nossa história cultural”, ou seja, apenas aquilo que era importante para as elites, dentro do que elas mesmas consideravam e consideraram como sendo cultura.”

Revolução de 1930, pois registrou a criação da maior parte das entidades de ensino, das associações culturais e dos órgãos de impressa.

Segundo Cheikh Anta Diop a identidade cultural de um povo está ligada a três grandes fatores: o histórico, o linguístico e o psicológico, e que a consciência histórica de um povo é a defesa mais sólida contra todas as formas externas de agressão, cultural ou de natureza. Sendo assim, as sequências de aulas sobre cultura de Mato Grosso foram iniciadas com a história da formação do Estado.

Mato Grosso, ou seja, Cuiabá é marcada pelas festas religiosas, aonde mistura o sagrado e o profano. Essas festas são importantes manifestações da cultura tradicional popular regional. Nelas misturam-se o laico e o sacro numa simbiose natural, em que danças, rezas, culinária, músicas, brincadeiras e religiosidade se juntam para formar como que uma síntese, suporte e berço de muitas das diversões e crenças que embalam a população e que formam parte significativa do patrimônio cultural do Estado.

As festas tradicionais do povo mato-grossense guardam uma profunda ligação com a religiosidade dos povos da Idade Média, e nas lendas, mitos e folguedos da época onde aparecem. A essas raízes, que se confundem com a cultura colonialista portuguesa, foram sendo adicionados elementos da cultura espanhola através da herança deixada aos povos platinos.

Essa relação ficou mais próxima após o término da Guerra do Paraguai em 1870, um surto de imigração de paraguaios: “homens e mulheres que fugiam das péssimas condições de vida que se instauraram em seu país de origem, arrasado pelo conflito”<sup>7</sup> se juntaram a população pobre da periferia Cuiabana. Nesse convívio deu-se “origem” ao Rasqueado Cuiabano, que:

É um gênero musical que tem sua origem no Siriri e na Polca paraguaia, esta última, um gênero musical que entrou em Mato Grosso pela navegação dos rios Cuiabá-Paraguai e após a guerra com o Paraguai, trazida pelos soldados paraguaios. A palavra rasqueado significa “arrastar as unhas, na viola ou violão, sem pontear as cordas, rasgadinho, rasqueado”.<sup>8</sup>

No caso específico da cultura cuiabana não podemos perder de vista a composição étnica da sua formação: a portuguesa, a indígena e a negra. Segundo Cruz:

Em mato grosso, por exemplo, convive-se com a ideia de que a população negra pouco ou quase nada contribuiu historicamente para o processo de formação cultural. Em que pese a preponderância de negros e pardos no conjunto de sua população – o que ocorre desde o século XVIII até os dias atuais – a cultura popular é apresentada sem a devida ênfase à contribuição

<sup>7</sup> VOLPATO, 1993, p.104.

<sup>8</sup> LOUREIRO, 2006, p.100.

de africanos aqui escravizados e de afro-brasileiros, seus descendentes. Paradoxalmente, embora a cultura popular mato-grossense seja o resultado da confluência de elementos das culturas negras, indígenas e europeias, reelaboradas a partir da realidade local, ela quase sempre é apresentada como uma repercussão local dos paradigmas culturais europeus e indígenas, mas quase nunca negros e/ ou afro-brasileiros.<sup>9</sup>

Os povos negros estiveram presentes desde o início da colonização de Mato Grosso. Elizabeth Madureira Siqueira explica que o antigo caminho dos bandeirantes não era por terra, mas pelas águas. Os bandeirantes tinham dois roteiros para chegar a Vila Real do Bom Jesus do Cuiabá, onde o ponto de embarque era no Rio Tietê, em São Paulo, passando por diversos rios como o Rio Paraná, o Paraguai, o São Lourenço até chegar ao Rio Cuiabá.

[...] a partir das primeiras expedições os bandeirantes paulistas traziam seus escravos negros como mão-de-obra na empreitada de desbravar os sertões e encontrar o ouro que devia ser minerado também pelos escravos. A mão-de-obra negra era assim uma parte fundamental do deslocamento de São Paulo ou de outras regiões para o Mato Grosso. Isto não apenas porque os negros eram aqueles que deviam trabalhar nas minas, mas também porque o seu trabalho era fundamental para que se chegasse em segurança a essas minas.<sup>10</sup>

Além dos negros escravos, as bandeiras vindas de São Paulo traziam consigo indígenas domesticados e homens brancos pobres para fazer todo o trabalho pesado. “Os indígenas ajudavam no fabrico de embarcações, como guias de viagens, na alimentação e na medicina e principalmente como conhecedores de outras etnias”<sup>11</sup>.

Na região de Cuiabá entraram em contato com índios como os Paiaguá, os Xavantes, os Bóe-Bororo<sup>12</sup>, entre outros. A influência da população indígena na cultura cuiabana é perceptível, na alimentação, na dança do Siriri e no canto do Cururu como aponta Júnior:

A sua origem, ou seja, a origem da terminologia “Cururu” está vinculada as manifestações das festas indígenas, praticadas pelos nossos índios Bororós, em cujas aldeias à beira do Rio São Lourenço dançavam o “Bacururu”, pouco diferente do “Cururu”, em que os índios dançavam em roda, alterando apenas o ritmo. Talvez da flexão do termo “Bacururu” tenha surgido “Cururu”, devido à proximidade dos habitantes da zona rural, com as Aldeias indígenas.<sup>13</sup>

A origem do nome também é controversa. Há duas teorias: “uma, que diz que vem de “cururu”, uma planta que era cozida com o feijão servido antes do inicio das

<sup>9</sup> CRUZ, 2012, p. 10 -11.

<sup>10</sup> Idem, p. 26.

<sup>11</sup> Idem, p. 27.

<sup>12</sup> **Bóe**-Bororo – Assim será denominada a sociedade indígena cujo etnônimo é Bororo, mas que se autodenomina **Bóe** (Isaac, 2004, p.15).

<sup>13</sup> JÚNIOR, 2006, p. 82.

orações e da dança; e outra que remete a origem ao sapo-cururu”. Quanto a sua “origem”, alguns pesquisadores afirmam que é uma dança de origem tupi-guarani, que recebeu influência do misticismo indígena e dos negros escravos.

Inicialmente os jesuítas na catequese utilizavam dança de roda, que foi evoluindo para dança de festa religiosa e atualmente pode ser só cantada, em versos e desafios. O cururu só ficou nacionalmente conhecido quando foi levado como espetáculo ao público, por Cornélio Pires, em 1910.

O Cururu e o Siriri são danças bem diferentes. O Cururu é uma dança de homens que, em roda, numa sala ou ao ar livre, cantam versos e toadas, ao som da Viola de Cocho e do Ganzá, em festas religiosas ou profanas. Cantando e dançando com movimentos coreográficos, atravessam as noites. Quanto ao Siriri é:

um dos folguedos mais populares do estado de Mato Grosso, praticado geralmente na Baixada Cuiabana, fazendo parte da maioria das festas tradicionais realizadas em louvor aos santos. Não se sabe ao certo a origem do Siriri. Alguns documentos informam que foi introduzido pelos bandeirantes paulistas e portugueses, nos princípios da conquista colonial. Outros indicam traços da cultura africana da região Banto e ainda de indígenas da região. A origem da palavra “Siriri” é imprecisa. Para uns, vem da palavra “otiriri” que significa extremes do século XVIII em Portugal e, para outros, significa um tipo de formigão com asas (um cupim de asas que se movimenta coreograficamente lembrando o folguedo). É um folguedo do qual participam homens, mulheres e crianças em roda ou fileiras, formadas por pares que se movimentam ao som da viola de cocho, ganzá, mocho, viola de pinho, sanfona, tamboril. O siriri é composto de cantos em versos simples que falam do dia-a-dia e de suas crenças, muitas vezes improvisados pelos tirados que se aproveitam dos fatos da atualidade para criticar, exaltar ou até mesmo para saudar alguém. É também conhecido como dança mensagem, pois é pura expressão corporal e coreografia que procura transmitir respeito e culto à amizade<sup>14</sup>.

Por que falar do Cururu antes de fala do Siriri? Porque o Siriri é fim de festa... todo o festejo dedicado ao santo é comandada pelo cururu. O cururu tem caráter religioso, por isso se faz necessário que os cururueiros tenha conhecimento da vida dos santos. As festas religiosas iniciam as rezas com o cururu. Os cururueiros vão cantando a história dos santos depois tem o levantamento do mastro, a reza e a ladainha para o santo. A partir daí os cururueiros prosseguem madrugada adentro.

---

<sup>14</sup> Descrição do Siriri no folheto da Exposição itinerante intitulado “PATRIMÔNIO IMATERIAL MATO-GROSSENSE”.

Em uma festa de três dias como a festa dedicada a São Gonçalo por exemplo. O cururu inicia a festa e faz parte de toda a ladainha durante os dois primeiros dias. No ultimo dia no domingo, depois da missa e do tradicional chá com bolo. Os grupos de siriri iniciam as danças e se for aberto ao público, todos podem dançar.

Somados a esses componentes étnicos que influenciaram no processo de formação cultural de Cuiabá. O relativo isolamento da população mato-grossense dos grandes centros político-econômicos do país, principalmente da população do norte do antigo território de Mato Grosso, atual Mato Grosso do Sul. Permitiu que a criatividade dos cuiabanos exprimisse mais livremente, dando assim, liberdade para engendrar instrumentos, rituais, danças e outras manifestações singulares, que vieram, finalmente, se consolidar no arranjo da grande maioria desses festejos.

Os instrumentos utilizados no Cururu como a Viola de Cocho são fabricados pelos próprios cururueiros, são raras exceções de acontece de um cururueiro não saber fabricar a Viola de Cocho. Esse instrumento encontrado na baixada cuiabana e na região do pantanal Sul-mato-grossense é produzido de modo artesanal e, tradicionalmente, com matérias-primas extraídas da natureza, do cerrado e do pantanal.

“O modo totalmente artesanal de produção determina variações no instrumento que podem ser observadas de artesão para artesão, de braço para braço, de fôrma para fôrma”<sup>15</sup>. A viola de cocho é um instrumento que tem maior destaque no cenário nacional.

A viola de cocho é considerada patrimônio cultural do Brasil desde 14 de janeiro de 2005. “O nome cocho deve-se à técnica de escavação da caixa de ressonância da viola em uma tora de madeira inteiriça; mesma técnica utilizada na fabricação dos recipientes nos quais são depositados os alimentos para o gado”<sup>16</sup>. Nesse cocho, já talhado no formato de viola, são afixados um tampo e, em seguida, as partes que caracterizam o instrumento musical, como cavalete, espelho, *paiêta*, rastilho e cravelhas.

Segundo o DOSSIÊ Iphan 8 a duas formas de tocar a viola de cocho, lenta ou mais rápida. Isso vai depender da região, da sonoridade que pretende tirar do instrumento e do instrumento (fabricação). A viola tem cinco cordas: 4 de tripas de animal e uma de aço. As violas podem ser decoradas com temas do pantanal, desenhadas a fogo e pintadas com tinta colorida, ou bem branquinhas, na madeira crua,

<sup>15</sup> DOSSIÊ. p.21.

<sup>16</sup> Idem.

com ou sem verniz. As fitas coloridas amarradas no cabo indicam o número de rodas de cururu em que a viola foi tocada em devoção a algum santo, tendo cada qual sua cor particular.

### **Identidade Mato-Grossense: Aspectos Culturais Na Construção Da Identidade Regional**

As identidades possuem linguagens que se apresentam como símbolo para uma unidade<sup>17</sup> que tem por meio disto a característica de se diferenciar em relação ao Outro. A identidade é marcada pela diferença entre grupos e

[...] a emergência dessas diferentes identidades é histórica, ela está localizada em um ponto específico no tempo. Uma forma pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos.<sup>18</sup>

A tentativa de “reavivar” a cultura da história local, procura afirmar sua identidade. Neste contexto, vemos o Siriri e Cururu como elemento que busca a identidade mato-grossense ao diferenciar-se dos outros Estados, ou culturas trazidas pelos migrantes de outros Estados, neste caso, a migração sul rio-grandense nos anos 1970. Concordamos com Giordana Laura da Silva Santos:

Acredito, utilizando as palavras da comunicóloga Silvia Bezerra, que “a construção desta identidade ocorre pela apropriação de bens culturais das populações tradicionalmente marginalizadas no cenário sócio-político local e, recentemente, estas populações têm suas manifestações culturais próprias usadas como fundamento simbólico das elites locais em seu confronto com o migrante”.<sup>19</sup>

Mesmo havendo a identificação entre os pares em um mesmo grupo, há uma certa heterogeneidade nos indivíduos quanto a sua identidade, existem diferenças entre as percepções dessas pessoas, e assim, uma forma de identidade percebida por cada um dentro do mesmo grupo.

O Siriri e o Cururu são representações culturais que produzem os significados que geram a identidade, pois “a ênfase na representação e o papel da cultura na produção dos significados que permeiam todas as relações sociais levam, assim, a uma preocupação com a identificação<sup>20</sup>”.

---

<sup>17</sup> (WOODWARD, 200, p. 8)

<sup>18</sup> Idem, p.11.

<sup>19</sup> SANTOS, 2010, p. 145.

<sup>20</sup> (WOODWARD, 200, p. 18)

Nesta questão da produção de significados gerados pela identidade cultural discutida aqui por meio do Siriri e do Cururu, notamos que os discursos gerados a partir desta identidade mato-grossense pela cultura está relacionada a chaga de grandes contingentes de migrantes no Estado a partir da década de 1970, principalmente aos sulistas que aqui se estabeleceram.

A migração traz a “soma” à cultura, mas também traz o inverso, pois a necessidade de se colocar enquanto pertencente ao lugar de onde se é nato é percebido o modo como se poderia diferenciar de outros grupos. Neste aspecto, a cultura é colocada como essencial neste processo, construindo uma identidade singular apostando aos Outros, se percebendo como característica de similaridade entre os pares de um mesmo lugar, afastando-se a ameaça de exclusão pelas características diferentes do migrante. Desta forma “a migração produz identidades plurais, mas também identidades contestadas, em um processo que é caracterizado por grandes desigualdades”.<sup>21</sup>

Neste ponto, vemos que os discursos criados pelo Estado sobre a identidade mato-grossense tendo como aspecto a cultura representada pelo Siriri e Cururu está ligada a intenção de contraposição a esta cultura trazida pelos migrantes gaúchos, principalmente pelo desenvolvimento da ideia da tradição ‘tipicamente mato-grossense’.

O “retorno ao passado para produzir memórias e justificar a união identitária” nos é percebida pela apropriação da cultura popular das cidades mais antigas de Mato Grosso (remetendo-se a sua fundação no período colonial) para representar o que é “tradicional”, o “típico”, a manifestação cultural “verdadeiramente mato-grossense”.

Mesmo que o passado que as identidades atuais reconstruem seja, apenas imaginado, ele proporciona alguma certeza em um clima que é de mudança, fluidez e crescente incerteza. As identidades em conflito estão localizadas no interior de mudanças sociais, políticas e econômicas, mudanças para as quais elas contribuem.<sup>22</sup>

A política afirma a identidade na cultura pela história de seus grupos, busca características no seu passado para autenticar-se no presente. Este passado sofre uma constante transformação, já que dele teremos várias interpretações e o que fora marginalidade<sup>23</sup> anteriormente, hoje pode ter o caráter de diferenciar um dado grupo dos

<sup>21</sup> Idem, p.21.

<sup>22</sup> Idem, p. 25.

<sup>23</sup> Cf. Else Dias de Araújo Cavalcante apud BEZERRA, 2007, p. 68: “A população pobre passava a sofrer a intervenção em seu lazer, uma vez que as manifestações como o samba, o cururu, o batuque, passaram

demais no processo de construção de identidades. Este “retorno” ao passado proporciona a construção da identidade no presente tanto individual quanto do coletivo. Neste aspecto a identidade não “torna” o sujeito nela mesma, mas há também o posicionamento do sujeito na identidade por si mesmo, reconstruindo, transformando o passado comum dessas comunidades.

A formação de identidades – sejam elas culturais, territoriais ou visuais – está enraizada no contexto social, coletivo e histórico de cada localidade. É um processo de produção simbólica e discursiva, que busca realçar as características e valores próprios de cada lugar, em composição aos elementos representativos de outras culturas. [...] são essas identidades que dão personalidade aos lugares dentro de um contexto global.<sup>24</sup>

Isso nos remete a frase do ex-prefeito de Cuiabá Wilson Pereira dos Santos na apresentação do *Festival Cururu Siriri de Cuiabá*: “Eu sempre digo que a cultura é o traço inegociável da identidade de um povo. A cultura é exatamente aquilo que nos diferencia e nos projeta nas relações humanas”<sup>25</sup>. Desta forma,

A construção de uma identidade é algo complexo e que envolve vários fatores, mudando a cada realidade. Na tentativa de criar uma imagem forte na mente das pessoas, várias cidades investem no que tem de mais característico, diferenciado e atrativo, como elementos de visibilidade, partindo sempre da ideia de Castells de que toda identidade é construída e, da necessidade dos lugares em desenvolver uma imagem que os diferencie dos demais. Sendo assim, podem-se citar diversos elementos que contribuem para a construção de uma identidade territorial.<sup>26</sup>

No folheto do *Festival Cururu Siriri de Cuiabá* esta imagem criada da diferença, de atrativo sobre a questão cultural do Siriri e do Cururu pode ser notado pelos discurso ali criado de identidade cultural do Estado. Segundo o que consta neste folheto “o Cururu Siriri deixa de ser separado por fronteiras municipais e regionais e começa a ser ligado pelo conceito de territorialidade cultural. Rio acima e rio abaixo da capital Cuiabá”, chegando a várias cidades de Mato Grosso, “somam, juntas, mais de 1 milhão e 500 mil pessoas, ligadas pelo sentimento de valorização da cultura tradicional”.

A ênfase dada na questão de que essas manifestações culturais ultrapassam fronteiras tentam construir o a ideia de que “o cururu e o siriri deixam de ser expressões das gentes das margens do rio Cuiabá e se torna expressão das gentes do Mato

---

a ser reprimidas pelas autoridades, que alegavam serem tais “ruídos” verdadeiros incômodos aos habitantes da cidade”.”

<sup>24</sup> TAROUCO & REYES, 2011, p. 3.

<sup>25</sup> 8º Festival Cururu Siriri de Cuiabá (folheto), 2009.

<sup>26</sup> TAROUCO & REYES, 2011, p. 4.

Grosso”<sup>27</sup>. A interação dos grupos de diversas localidades de Mato grosso é importante para a vivência –segundo os discursos construído pelo *Festival* - “na construção de uma política de fortalecimento da cultura popular<sup>28</sup>”.

Do mesmo modo que é apresentado o Siriri e o Cururu pelo *Festival*, um recente trabalho realizado pela Universidade Federal de Mato Grosso publicado por esta instituição como folheto de uma exposição itinerante sobre cultural imaterial mato-grossense, notamos a repetição do discurso de identidade mato-grossense pela questão cultural:

O SIRIRI é um dos folguedos mais populares do estado de Mato Grosso, praticado geralmente na Baixada Cuiabana, fazendo parte da maioria das festas tradicionais realizadas em louvor aos santos. [...] é também conhecido como dança mensagem, pois é pura expressão corporal e coreografia, que procura transmitir respeito e culto à amizade.<sup>29</sup>

Assim como pode ser percebido na passagem acima, estas manifestações culturais, tanto o Siriri quanto o Cururu são praticados em sua essência, na chamada Baixada Cuiabana, compreendendo a cidade de Cuiabá e municípios circunvizinhos. O interior de Mato Grosso passa por uma outra forma de identificação cultural, mas a legitimação dessas características culturais da capital é imposta à imagem do Estado com um todo.

O fato de Mato Grosso não ter sido colonizado por um mesmo povo, torna-o tão heterogêneo na cultura. O siriri e o cururu, assim como o Lambadão e o Rasqueado estão na capital e em suas adjacências. Se citarmos como exemplo o povoamento da cidade de Rondonópolis, iremos observar que inicialmente povoada por índios Bóe-Bororo e logo em seguida os primeiros colonizadores brancos foram os goianos a partir de 1902. Cuiabá é a capital do Estado de Mato Grosso, a capital é o ponto de referência para todas as cidades e distritos do Estado bem como sua cultura, ou folclore - como prefere chamar alguns antropólogos. Assim como sua política é um ponto de referência para outras cidades. Evidente é que, a história de Cuiabá está intimamente relacionada à história de Mato Grosso como um todo.

Entendermos a questão da construção da identidade cultural de Mato Grosso é entender como os discursos políticos se apropriaram de certas representações para

<sup>27</sup> 8º Festival Cururu Siriri de Cuiabá (folheto), 2009.

<sup>28</sup> Idem.

<sup>29</sup> Universidade Federal de Mato Grosso. Exposição Itinerante do Patrimônio Imaterial Mato-Grossense (folheto). Cuiabá, 2011.

colocarem no campo simbólico as características que diferenciam seu povo dos demais, neste ponto em relação aos sulistas estabelecidos no Estado a partir da década de 1970.

Neste aspecto, abrimos espaço aqui para uma crítica a nós mesmos que enquanto historiadores e professores de História voltamos ao que Marc Bloch chama de “mito das origens” para reforçarmos a identidade imposta por uma memória construída pelo Estado acerca de “bens culturais legítimos de seu povo” para, em seu discurso, afirmar a identidade de seu território pelo aspecto cultural.

A história de Zé do Móis nos mostra sua identidade ligada ao homem bilontra. Sua característica cultural é o ponto onde lhe é o diferencial em relação aos demais, no sentido de que a descrição realizada de seu eu nos passa uma “valorização” de seu envolvimento com a cultura, no caso o Siriri e o Cururu, narrado em uma época onde a cultura popular não tinha o caráter de identidade regional.

Deste modo, percebemos que em nossa aula que nós mesmos não paramos para discutir sobre a questão da identidade que o Estado constrói em seu discurso voltado para diferenciar-se das demais unidades federativas, revelou-nos que a cultura que “identifica” Mato Grosso não é uma representação de todos os municípios (dizemos *todos* por haver uma tentativa de divulgação por parte da administração do Estado sobre este caráter identitária cultural pelos folhetos, pesquisas e festivais no qual analisamos neste trabalho), mas sim daqueles que tem suas raízes no período colonial impondo-se frente a outras características de outros municípios mato-grossenses, como por exemplo, a música sertaneja.

Percebemos assim que na construção dessa identidade, não há uma identidade mato-grossense, mas sim uma identidade intencionada chamada *mato-grossismo*.

## Referências

ARRUDA, Antônio. O linguajar cuiabano e outros escritos. Cuiabá, 1998.

BEZERRA, Silvia Ramos. Zé Boloflor: boemia e modernidade em Cuiabá. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Mato Grosso, 2007.

BITTAR, Marisa. Mato Grosso do Sul, a construção de um estado, volume I: regionalismo e divisionalismo no sul de Mato Grosso. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2009.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC /SEF, 1998.

CHARTIER, Roger. "Cultura popular": revisitando um conceito historiográfico. IN: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, Dº 16, 1995, p. 179-192.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galfhardo. 2ª Edição. Difel, PDF, 1985.

CRUZ, Paulo Divino Ribeiro da. *As negras raízes da cultura mato-grossense*. São Paulo: Plêiade, 2012.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. *A escola como espaço sócio-cultural*. In: DAYRELL, Juarez Tarcísio (org.). *Múltiplos Olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.

DIOP, Cheikh Anta. *Os três pilares da cultura*. In: *Correio da Unesco*, ano 14. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1986.

DOSSIÊ Iphan 8 { Modo de Fazer Viola-de-Cocco}.

FIGUEIREDO Aline; Humberto ESPÍNDOLA, org. Dossiê Iphan 8 { Modo de Fazer Viola-de-Cocco} MACP: [animação cultural e inventário do acervo do Museu de Arte e de Cultura Popular da UFMT]. –Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2010.

FIGUEIREDO, Rubiléia da Silva e Giseli Fabiane PEREIRA. *Historiografia e cultura de Cáceres no contexto matogrossense*. Ter, 17 de abril de 2012, Seduc-Cepafro Cáceres.

JUNIOR, Moisés Mendes Martins. *Revendo e Reciclando a Cultura Cuiabana*. 2ª Ed. Editora Janina, 2006.

LOUREIRO, Antônio. *Cultura mato-grossense: festas de santos e outras manifestações*. Cuiabá, 2006.

MEC. *Encontro produção de artesanato popular e identidade cultural*. Rio de Janeiro: MEC, Funarte/Instituto Nacional do Folclore, 1983.

PÓVOAS, Lenine C. *História da Cultura Matogrossense*. Cuiabá-MT, 1982.

Prefeitura Municipal de Cuiabá. 8º festiva Cururu Siriri de Cuiabá. Cuiabá: Editora Central de Texto, 2009.

SANTOS, Giordana Laura da Silva. *O siriri na contemporaneidade em Mato Grosso: suas relações e trocas*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea) – Universidade Federal e Mato Grosso, 2010.

SILVA, Marcelo César Velasco. “Petchada Cuiabana”: Regionalismo nas artes visuais em Mato Grosso. UFMT – Instituto de Linguagens – IL, Cuiabá-MT, 2006.

SIQUEIRA, Elisabeth Madureira. História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

TOROUCO, Fabrício; REYES, Paulo. Identidade Territorial: um processo de construção. IN: Desenhando o Futuro: 1º Congresso Nacional de Design, 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. Exposição Itinerante do Patrimônio Imaterial Mato-grossense (folheto). Cuiabá, 2011.

VOLPATO, Luiza Rios Ricci. Cativos do sertão: vida cotidiana e escravidão em Cuiabá em 1850-1888. São Paulo: Marco Zero/ Cuiabá: EDUFMT, 1993.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. IN: SILVA, Thomaz Tadeu da (Org). Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.